

O IMPACTO DE RAÇA E GÊNERO NO PERCURSO ACADÊMICO: INTERSECCIONALIDADE, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

Vinícius de Souza SANTOS¹; Rosangela Aparecida HILÁRIO¹

1. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.
Autor correspondente: igualatodos@live.com

Nas últimas décadas, especialmente nesta, estamos acompanhando um crescente número de estudos que tem sua preocupação com as questões interseccionais e decoloniais formuladas pelas Feministas Negras. Em diversos casos e situações estes estudos debruçam-se na compreensão do espaço e de seus mecanismos de inteligibilidade e como eles tem operado sobre os corpos, principalmente, das mulheres pretas e de todos os sujeitos que não se enquadram na cisheteronormatividade branca, e cristã. Em consonância a estes fluxos que nascem no trajeto do Atlântico na diáspora do povo preto, ressaltando a complementação de uma diáspora forçada e sem consentimento dos mesmos, delimito a proposta deste escrito que traz como representação especial as narrativas da Professora Eunice Johnson que traçam e explicitam em dores, vivências e experiências as proposições do percurso de uma mulher preta nos espaços de conhecimento formal e a maneira que os marcadores sociais de raça, gênero e classe influenciam na ascensão de muitas pretas e pretos nos espaços da Academia. Resgatar memórias e dar potência a nossa Ancestralidade nos faz entendermos quem somos, de onde viemos e para quê e quem devemos lutar, as mulheres pretas nos espaços da universidade, aqui aquilombo junto a elas as dissidências sexuais, reclamam e transparecem através de suas escritivências suas trajetórias que se pautam nas inúmeras formulações que a colonialidade detém sobre seus corpos, vivências e performances de ser e existir. Para que a compreensão das narrativas seja feita de uma maneira mais delimitada é necessário recorrermos a Interseccionalidade que nos instrumentaliza para percebermos como movem-se e se estruturam as avenidas identitárias, e para aprofundamento destas percepções, identitárias, aos estudos etnográficos e com inspiração autoetnográfica, que performam em nós a sensibilidade para reinterpretarmos e ressignificarmos “simples” falas carregadas de histórias. Em decorrência dessa contextualização problematiza-se pela perspectiva interseccional o percurso e trajetória



de mulheres pretas nos espaços escolares e da Universidade e faz-se uma análise na perspectiva de compreender se os marcadores sociais de raça, gênero e classe influenciam seus percursos de ascensão dentro dela. A resposta já formulada e identificada, a partir da pesquisa que foi feita no período de 2019-2020 pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UNIR) financiado pela CAPES, a partir das narrativas da professora Eunice Johnson delineadas a luz da interseccionalidade nos mostra que sim estes marcadores têm suas funções quando diz respeito a essas mulheres. Pensar por exemplo que uma das falas nos traz a potência e o incomodo de uma pasta atrás do armário, como resposta a um interesse em fazer um curso de doutorado, nos reafirma que as heranças do colonialismo ainda operam nos anos que estamos ou que já vivemos. E isso é reafirmado e configurado pela perspectiva de ascensão que nos faz aprofundarmos as percepções das conquistas de direitos de acesso, pelas políticas públicas, aos espaços da Academia e confrontá-las com revogação da Portaria de 11 de maio de 2016, que garantia o acesso aos cursos de pós-graduação por meio do uso de cotas. Este estudo aqui delineado em suma, diz respeito a análise do percurso de uma mulher preta que faz referência a muitas outras que a antecederam e sucederam suas trajetórias nos espaços acadêmicos e de direção, e de que maneira os marcadores sociais de raça, classe e gênero estão a todo momento operando sobre a trajetória da mulher preta nestes lugares. A dor só é entendida e compreendida por quem a sente, e as narrativas analisadas nos possibilitou que pudéssemos enxergar com mais profundidade a experiências e vivencias de mulheres pretas na Academia e como a própria instituição trabalha e age para que elas estejam lá, mas que estas mesmas não se desenvolvam nos seus percursos de ascensão.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Decolonialidade. Mulher Preta. Ancestralidade.